N: 07

Lux Frágil

Mensal Gratuito
Abril 2009

blog.luxfragil.com

Lux Frágil

a nossa vida é toda para diante.

Pedro Barateiro, “50/50”, 2008

Dixon palavras para quê?

Isilda Sanches

DJ e produtor de topo, cabecilha da Innervisions, militante e pensador. Dixon não precisa de palavras para mostrar o que vale, mas tem muito para contar sobre si e sobre a música que o move.

Dixon é um dos bons. DJ com dotes de Midas no controle da pista, produtor com sentido de sedução e risco, é respeitado pela devoção ao house e ao techno, mas o seu interesse pela música é mais profundo. Sabemos que fez coisas meio latinas e outras mais soul para a Sonar Kollektiv (remisturas para George Levin, por exemplo) e basta ver a colectânea The Grandfather Paradox, que organizou com Âme e Henrik Schwarz para a BBE (com Steve Reich, Liquid Liquid, John Carpenter, Can, Cymande e muitos outros nomes improváveis de aparecer juntos num disco) para termos a certeza de que as suas razões são tão certas como a música que ouve, toca e faz. Isto é tudo verdade e uma pesquisa de reconhecimento na net pode afiançá-lo, mas fiquei a saber muito mais sobre ele nesta conversa telefónica, numa luminosa manhã de quinta-feira. (Os DJs também se levantam cedo)

O que vais fazer hoje?
Acabei de tomar o pequeno-almoço, depois vou ver um estúdio novo e à tarde vou encontrar-me com os meus pais para almoçar. Depois temos uma reunião importante sobre um suposto DVD que deveremos lançar.

E o que gostarias de fazer hoje se não tivesses todos esses compromissos?
Ficar em casa, fazer umas limpezas e passar tempo com a minha namorada porque estive em Paris três dias e antes disso foi o fim-de-semana e já não estamos juntos há algum tempo. Gostava de estar com ela, mas como hoje não é possível já marcámos sair de Berlim e passar sexta e sábado juntos.

É difícil ter uma vida normal, ter tempo para os pais, a namorada...?
Sim e não. Tudo depende do que se considere uma vida normal. Comecei a fazer o que faço hoje quando tinha 15 ou 16 anos por isso, para mim, isto é normal, porque não conheço outra realidade, nunca trabalhei numa empresa de publishing, nunca tive um horário das oito às três e fins-de–semana livres. Para mim isto é normal. Às vezes é um bocado louco e rápido, porque tenho muitas datas e muitas coisas para fazer, mas outras vezes é mais lento. O ideal é conseguir dizer não e fazer apenas o que nos permite manter uma vida privada, mas a realidade é que é muito difícil dizer não com frequência e é um processo longo o que nos permite perceber que a nossa vida pessoal é tão ou mais importante do que a nossa vida profissional.

O que te levou a querer ser DJ aos 15 anos? Já produzias nessa altura?
Foi aos 16 e não, não produzia nada, nem pensava nisso. Na verdade eu praticava desporto, sou do lado leste de Berlim e tínhamos um sistema desportivo herdado do socialismo, com escolas especiais para diferentes desportos. Eu andava numa escola de atletismo, era corredor de fundo e devido a problemas no joelho tive que parar de praticar atletismo. De repente perdi a coisa mais importante da minha vida. Antes disso nunca tinha realmente saído à noite, nunca tinha ido a discotecas nem nada, por isso a minha primeira grande experiência de sair à noite foi ir a uma festa de techno aos 16 anos e foi nesse momento que passei dos 0 aos 100, decidi que queria fazer parte daquilo, fosse lá o que aquilo fosse. Depois disso comecei a comprar discos e tive o percurso normal, tentar misturar, etc, etc... só mais tarde, quando comecei a tocar mais, é que pensei dar vida à música que tinha na minha cabeça. Penso que é assim com 90% das pessoas que fazem isto.

Quando é que foi essa festa techno, anos 90?
Em 1991, acho eu... sou muito mau com datas. Há dois anos ainda dizia a toda a gente que comecei a pôr música em 1993, até que um amigo meu apareceu numa festa que tínhamos aqui em Berlim, chamada Washing Machine, uma noite de house clássico, e me mostrou uma gravação minha de 92. Não queria acreditar. Tive que corrigir a minha versão e refrescar a memória e percebi que afinal tinha começado a sair em 1991 e a pôr música em 92...

Ainda te lembras da primeira vez que tocaste?
Hummm... sim. Foi num clube em Berlim chamado Bunker e aconteceu simplesmente porque um dos DJs que era suposto tocar não pôde ir. Nesta altura eu coleccionava discos com mais dois amigos, tínhamos um quarto onde guardávamos o material e tentávamos aprender a misturar e eu era o terceiro elemento, o último da lista. Mas uma noite um dos outros dois não pôde ir por "questões familiares" - é preciso lembrar que tínhamos 16 anos e às vezes os pais diziam "Não, não vais pôr música porque me não avisaste antes!"... Por isso acabei por tocar eu e correu tudo bem.

E como é olhar para trás desde essa primeira vez acidental e perceber o lugar em que estás hoje, sendo um dos DJs mais respeitados...
... é um pouco o que eu disse sobre ter uma vida normal... estás a fazer as tuas coisas, talvez haja rankings, tops de DJs ou coisas dessas, mas não te apercebes de facto disso porque o que fazes para ti é normal. Claro que ficas feliz por conseguires viver disso e até corre bem, mas de facto não interessa se sou o número 150, ou o número 10, numa qualquer tabela de DJs. A única coisa de que me orgulho de facto é que consigo viver disto sem fazer demasiadas cedências. Ainda estou numa posição em que não preciso de editar demasiados discos, nem fazer demasiados gigs, ainda escolho aquilo que quero e não quero tocar. Este controlo que tenho sobre a minha vida profissional é algo de que me orgulho muito. Além disso isto funciona por ciclos. Às vezes tocas durante 4 ou 5 meses e às tantas perguntas "o que é que eu estou aqui a fazer? Sou uma pessoa crescida, devia fazer outra coisa, isto é para os putos!" e meses depois tens uma noite incrível, ou fizeste uma música de que gostas mesmo, ou ouves um disco muito bom e volta tudo ao lugar, volta o fascínio, ficas feliz com o que fazes, sabes porque o fazes... funciona por ciclos, às vezes questionas-te, outras estás feliz, outras não gostas mesmo do que fazes...

Mas ainda sentes a excitação?
Sim, completamente.

Li uma entrevista tua em que dizias que procuras canções. Porquê? Achas que a música de dança é demasiado orientada pelo ritmo?
A música é para circunstâncias diferentes, a pop, o jazz, a música ambiente, o house, todos são para circunstâncias diferentes, mas eu gosto de produzir e ouvir música que não se esgota numa situação. O que quer dizer que uma faixa, que pode ser muito, muito boa e tem apenas o sample de um beat, talvez funcione num clube no pico da noite, mas não quero ouvi-la em casa, nem no carro. Acho que a música que sobrevive ao momento é aquela que eu quero nos meus DJ sets, por isso estou sempre à espera que se produzam coisas que não sejam apenas um beat e uma linha de baixo. Talvez assim os produtores sejam lembrados daqui a dois anos, não apenas por aquela noite em que se ouviu a música naquele clube mas pela sua qualidade intemporal. Acho que a música está associada aos locais, como quando vemos uma banda tocar ao vivo pela primeira vez e vamos sempre lembrar-nos do sítio em que isso aconteceu, mas também acho que a música está associada ao tempo, à época em que a ouvimos, idade e vida que tínhamos... acho que a música que consegue isso é sempre mais forte e sobrevive mais do que a só está associada por exemplo a um afterhours qualquer

Uma faixa nova que toques muito?
A remistura de Henrik Schwarz para DJ Hell. Chama-se "The Angst". Não gosto muito do original mas gosto muito da remistura do Henrik Schwarz, um bocado diferente do que ele costuma fazer, mas está óptima!

Um clássico que não consegues evitar tocar?
Muita coisa de Romanthony, acho que é um dos produtores clássicos menos reconhecidos e ando a passar muito o "The Wanderer". Na verdade até fiz uma versão nova. Em Julho vou fazer um CD misturado e esta é uma das faixas que vou usar.

O que ouves quando estás em casa?
Ando a ouvir muitos discos de krautrock e muita música experimental, Steve Reich, algumas coisas clássicas, gosto muito de soul e canções e assim, mas agora estou muito interessado em música que vai contra tudo isso, estruturas, virtuosismo, etc.

Tens um slogan para a vida?
Por acaso, na Innervisions, todos os anos temos uma frase. Há dois anos foi "house house and more fuckin house", o ano passado "muting the noise" e este ano "words are very unnecessary".

Uma canção que gostaria de ter escrito

Paula Moura Pinheiro

Just a perfect day
Drink sangria in the park
And then later when it gets dark
We go home

Just a perfect day
Feed animals in the zoo
Then later a movie too
And then home

Oh, it's such a perfect day
I'm glad I spent it with you
Oh, such a perfect day
You just keep me hanging on
You just keep me hanging on

Just a perfect day
Problems all left alone
Weekenders on our own
It's such fun

Just a perfect day
You made me forget myself
I thought I was someone else
Someone good

Oh, it's such a perfect day
I'm glad I spent it with you
Oh, such a perfect day
You just keep me hanging on
You just keep me hanging on

You're going to reap just what you sow
You're going to reap just what you sow
You're going to reap just what you sow
You're going to reap just what you sow

"Perfect Day", **Lou Reed**, 1972

LEONALDO DE ALMEIDA
Quinta 02

YEN SUNG
Quinta 02

SHADOW DANCER LIVE
Quinta 02

Foi assim que começámos...

Tiago Manaia

Estas linhas que escrevo nasceram na pista de dança.

Debaixo de luzes estonteantes e música hipnotizante dou por mim a contabilizar horas aos meus voos nocturnos; sinto o cérebro a transformar-se num daqueles cartões de passageiro frequente. Nas linhas aéreas as viagens acumuladas oferecem uma à borla de vez em quando, a borla que me ofereço é a lembrança da primeira vez (na discoteca).

Lembro-me da preocupação que tive em encontrar na aparência um ar credível, um ar velho quando ainda era novo. Lembro a procura de sapatos, com dois números acima do tamanho real, para inventar um andar falsamente amadurecido. Lembro a camisa de quadrados encarnados, que dentro do armário do meu irmão parecia normal, mas nos meus traços adolescentes ganhava um toque involuntariamente punk.

Lembro a aprovação dos meus colegas de escola e as palavras encorajadoras que pronunciaram. As nossas forças juntavam-se para vermos um desejo de diversão realizado. Éramos miúdos dos arredores, queríamos fazer parte da cidade. Desconhecíamos a força dos decibéis e por causa deles dançámos. O nosso entusiasmo maravilhado denunciava inexperiência: o coração batia com força, a boca secava de ansiedade, o corpo gritava. Era bonita a inocência.

Na discoteca onde inicio este pensamento, tento perceber se as pessoas têm movimentos que evocam memórias de um entusiasmo parecido com o meu, tento encontrar o calor desinquietante que senti. Mas actualmente fala-se pouco dos tempos passados e o olhar visa um futuro negativo. É por isso necessário engatar esse futuro com forças ancestrais.

Nos dias que correm as recordações assumem-se, estranhamente, nas redes virtuais da internet (Facebook, Myspace, Twitter). Nas páginas onde juntamos amigos de toda a parte, colocam-se também videoclips e links para histórias antigas que nos desenham a personalidade.

Foi assim que no Facebook perguntei aos meus amigos: "A vossa primeira vez na discoteca como foi?"

Nas dezenas de respostas que recebo, descubro que fomos todos assombrados por padrões de comportamento idênticos, sobretudo na "arte" de sair à noite.

A nossa primeira vez foi parecida, quase igual. Nas especulações, nas expectativas, nos sonhos.

O nosso olhar escondeu medo e os corações dentro do peito sugeriram sinais idênticos de agitação. Os nossos sentimentos misturaram-se quando tentámos entrar pela porta do desconhecido mundo musical nocturno.

Constato então que a passagem para dentro da discoteca, nem sempre foi feita nas condições ideais: muitos sentiram-se a invadir um espaço que não era deles, descrevem o olhar das pessoas mais velhas como algo de incomodativo, constatavam que nem todos acolhiam de bom grado aquele debutar nocturno.

Primeira lição: as pessoas andam no mundo para se dificultar a vida umas às outras, sendo os porteiros perfeitos embaixadores deste ensinamento. Foi por isso obrigatório entrar no jogo deles, encará-los como "figuras de treino" perfeitas para praticar a persuasão que nos seria exigida mais tarde, no resto das nossas vidas. Foi por causa destes guardiões de portas que inventámos disfarces de adultos, vestimos outras peles e simulámos poses para desviar a atenção dos nossos traços jovens.

Como quase sempre se agarrava na primeira oportunidade para ir à discoteca, houve quem acabasse por se "baptizar" em cidades longínquas, insólitas de nome (estamos em Portugal não se esqueçam). Alpiarça, Amadora, Peniche, Caldas da Rainha, Cadaval, Cascais e inúmeras vilas na zona do Algarve passariam a ser referências nocturnas para muitas pessoas; foi ali que fumaram os primeiros cigarros e derramaram as primeiras gotas de álcool no sangue.

O prelúdio das saídas nocturnas viu-se também muitas vezes condenado a matinés, esse género de discoteca que se faz durante a tarde, afastando assim as expectativas dos sonhos. Mas com a primeira saída o sentimento de liberdade ficava irremediavelmente aguçado e fosse onde fosse a primeira vez era momento para festejar, dançar como se não houvesse amanhã.

A discoteca foi um ritual de passagem, foi o momento em que o estatuto da juventude mudou, em que se entrou num género de crescimento qualquer (físico e psicológico).

A primeira vez atiçou os acontecimentos que mais tarde embelezaram a adolescência: o primeiro beijo, a dita virgindade, o tal diploma, o primeiro trabalho, o primeiro amor, até chegar aos dias de hoje em que já adultos, sentimos ter um bocado de vida para trás.

Agora atravessamos um deserto: com a crise financeira inflamada e o discurso festivo atacado, não valerá a pena pensar no início? Encarar o futuro com esse entusiasmo iniciático na cabeça e deixar vir à superfície a nostalgia do passado. Pensar como se pensou na primeira vez, em que tudo foi magia.

A primeira vez é saber que ainda nos restam inúmeras primeiras vezes, é entusiasmar o coração.

Trata-se de manter os sonhos vivos, como nos tempos em que éramos virgens de tudo.

Foi assim que começámos, a vender a alma por uma festa. Então toca a lembrar, a primeira vez como é que foi?

Éramos miúdos dos arredores, queríamos fazer parte da cidade. Desconhecíamos a força dos decibéis e por causa deles dançámos

SHADOW DANCER

"Set Fire To Flames" podia ser moto para a horda Nu-Rave (ou o que quiserem chamar-lhe esta semana). Funk desmembrado em bits de 4x4 com exaustor a fundo, música para cheirar benzina, golpes de rins a fundo; Shadow Dancer reconfigura Manchester nos nossos ouvidos, acendendo argumentos sobre as máquinas das fábricas (ou o fantasma delas) que inspiraram o músculo mecânico da Joy Division. É assim que soa três décadas mais tarde.
Para experimentar em campo, a dupla de braços de titânio da Boys Noize Records liberta o seu álbum de estreia com um raide no Lux já no próximo dia 2 de Abril.

Live
QUINTA 02

GUY GERBER

Eu digo que esta é música para estar de olhos bem fechados num tapete voador. Dizes-me que o Guy Gerber é israelita e que isso de tapetes voadores é coisa de um oriente mais distante e muçulmano, ainda por cima! Inconciliável, portanto. A mim pouco me importa, é para aí que me transporta esta música doce, melodiosa e planante, que tem sobrevoado tantas pistas nestes últimos meses. Tu insistes, dizes que a imagem é fácil, *cheesy* até. Eu teimo. É importante termos convicções quanto ao que nos dá prazer. É bom que nem toda a electrónica seja agressiva, industrial, impessoal, tecnológica. Esta, de facto, não é. É romântica, quase feminina, suave. Os graves estão lá, subliminares, tomando conta de nós, mas o abandono vem pelo ar, de noite de tapete voador.

Live
SEXTA 03

MAIO

Sexta 01:
BILLY DALESSANDRO
Sexta 08:
JOHNNY D
Quinta 14:
WIGHNOMY BROTHERS
Quinta 21:
MSTRKRFT
Quinta 28:
ROKIA TRAORÉ
CONCERTO

XINOBI
Quinta 02

DOUBLE DAMAGE
Quinta 02

Pêlo na venta e lágrima fácil

Um estudo diz que os metrossexuais têm os dias contados e que o que está a dar agora é o neossexual, um homem que fica ali entre o troglodita e o excessivamente efeminado. Será?

Ana Garcia Martins

Uma conhecida marca de desodorizantes achou que manter as axilas do povo arejadas e cheirosas não era missão suficientemente intrincada. Vai daí e aventurou-se num projecto muito mais arrojado: perceber que tipo de homens é que as mulheres gostam. Ora para descobrir tal coisa, a marca realizou um estudo em 14 países do mundo. Portugal ficou de fora, as Filipinas entraram. Tudo bem. Podemos falar de fado e até damos uns toques na bola, mas, ao que tudo indica, homens não é o nosso forte. Paciência.

As conclusões, como quase tudo o que deriva de uma generalização massiva, deixam-me dúvidas. Primeiro ponto: 59% das mulheres dizem estar pelos cabelos com os metrossexuais. Ou seja, os homens que levam tanto ou mais tempo do que nós a arranjarem-se e que empenham mais de metade do salário em anti-rugas, máscaras faciais, sessões de solário e depilação a partes do corpo que raramente vêem a luz do dia.

Aqui balanço, porque desconfio que estamos perante um típico caso de feitiço que se virou contra o feiticeiro. Quem é que lutou anos a fio pelo fim do champô 2-em-1 no chuveiro deles? Nós! Quem é que começou a torcer o nariz aos peitos felpudos tipo Tony Ramos? Nós! Quem é que lhes explicou que os pontos negros se podem combater? Nós! Quem é que lhes revelou as maravilhas que um bom creme hidratante pode fazer pela pele? Nós! Quem é que insistiu que não há cheiros naturais agradáveis e que o perfume é obrigatório? Nós! E agora vimo-nos queixar?

Introduzimos uma data de procedimentos na rotina higiénico-estética dos homens e, claro, eles não conseguem acompanhar tanta inovação. Tudo leva horas, tudo requer uma vida. Em média, um metrossexual daqueles mesmo à séria, deve demorar umas boas três horas até sair de casa. Imune, claro, aos gritos e lamentos da pobre mulher, que tudo o que quer é meia horinha em frente ao espelho da casa de banho para passar de monstro a bela (aquela coisa de que há mulheres que acordam frescas, penteadas e com bom hálito não passa de mito cinematográfico).

No fundo, queremos o melhor de dois mundos: homens cheirosos, macios e de boa cara, mas que consigam ficar assim em tempo útil. E, sobretudo, que não falem demasiado sobre o assunto, nem com muito entusiasmo. Ouvir dois homens a discutir qual é a melhor pedicura ou a quanto é que está a lipoaspiração é meio caminho andado para um turn off irreversível.

Segunda conclusão: 80% das mulheres querem um homem sensível mas que demonstre o seu lado viril e másculo. Ou seja, um homem auto-confiante e determinado, mas que não se proíba de ter valores emocionais, e ainda que ofereça flores à sua mulher e continue a amá-la apaixonadamente. Palavras do estudo, não minhas. Quer-me cá parecer que isto é um bocadinho como o Kinder Surpresa. São desejos a mais. 80% das mulheres querem, basicamente, tudo. Que o homem saiba o que quer da vida e não seja apanhado a ler "O Segredo", que consiga derramar uma lágrima numa comédia romântica de domingo à tarde, que encha a casa de rosas e, já agora, que continue a acartar com os sacos das compras e que largue uns belos palavrões ao ver a bola, como prova da sua masculinidade. Eu, que não ando nisto há muito tempo, já percebi que na vida há que fazer opções. E sei que homens assim... não existem. Poderá haver um lá para Trás-os-Montes, dois ou três em Lisboa, quem sabe meia dúzia nas ilhas, mas não são uma espécie em abundância. E, assim de repente, que graça é que tem a perfeição? Não descamba sempre no tédio precoce?

Terceira conclusão: 85% das mulheres afirmam que o que as seduz mais num homem é o beijo apaixonado, a determinação quando as levam para a cama, e a forma como as fazem sentir sensuais e desejadas. Pois, pois, tudo muito bonito, não fossem os homens (alguns, alguns) capazes das maiores patranhas para conseguirem enfiar uma mulher nos lençóis (ou no carro, ou na casa de banho do centro comercial). Beijos apaixonados todos conseguem, juras de amor eterno também, o pior é o resto. Ou melhor, o pior é o depois, quando o arrebatamento "baixou" e há que escapar de fininho, com a promessa de um telefonema em breve.

Em suma: diz o estudo que uma nova identidade sexual está a emergir, e que vêm aí os *neossexuais*. Ou seja, um homem que fique ali a meio caminho andado entre o troglodita e o excessivamente efeminado, que não arrote à mesa mas que também não saiba de cor mais de dez marcas de cremes. Um homem normal, arrisco eu, com todo o peso que a normalidade exige (e que é muito).

Não sei se os *neossexuais* vão vingar, até porque não sei se percebi bem o conceito. Suspeito que vamos estar a contribuir de forma dramática para a esquizofrenia masculina, num minuto a dizer que os queremos viris e mauzões, no minuto seguinte a dizer que têm de ser sensíveis e bons meninos. É que se já passam a vida a achar que somos demasiado complicadas e impossíveis de decifrar, temo que a partir daqui desistam. Sem passagem pela casa de partida.

80% das mulheres querem um homem sensível mas que demonstre o seu lado viril e másculo

O lado cor-de-rosa da história

Joaquim António Rocha

A história que vos quero contar é uma história de amor. E como todas as boas histórias de amor está repleta de motivações: tem ciúmes e traições, crimes de sangue e defesas de honra, vinganças, lutas pelo poder, e tem também uma cereja no topo do bolo: jogos de sedução entre homens musculados e com nomes estranhos. A história que vos vou contar é cor-de-rosa, é verdade, porém de um rosa choque.

Convido-vos, por isso, a viajar do tempo. A andar uns séculos para trás. Vinte e seis, para ser mais preciso. Estamos em Atenas, em meados do séc. VI, e Cristo ainda não tinha andado pela terra, o que confere à história um grau de inocência difícil de compreender.

Por estes tempos Atenas era governada por dois tiranos – Hípias e o seu irmão Hiparco – sucessores e filhos de Pisístrato, homem que chegou ao poder pela força das armas e que introduziu a tirania como forma de governação da cidade.

Segundo testemunhos da época, seria Hípias o homem responsável pelo poder, já que o seu irmão levava uma vida extravagante, regada com música, vinho e poesia, preferindo a vertigem do prazer a coisas como a obrigação do dever ou a responsabilidade do poder.

Hiparco era um homem culto e a ele se deve o desenvolvimento das artes na cidade. Incentivou políticas de mecenato artístico e literário, rodeando-se na corte de poetas e músicos famosos, como Anacreonte, Simónides e Laso. Hiparco era um tirano, mas um tirano sensível. Principalmente à beleza de jovens e corpulentos rapazes.

Assim, Hiparco acabaria por se apaixonar perdidamente por Harmódio, um jovem adolescente, lindo de morrer, conhecido por ser o preferido de Aristogíton, um cidadão de classe média, na casa dos 30, e também ele loucamente apaixonado pelo miúdo.

Seguindo os costumes da época, Harmódio terá dado conta ao amante e protector das intenções de Hiparco em lhe dar uns apertões contra uma parede.

Enciumado e com medo que o dinheiro e o poder de Hiparco seduzissem o jovem adolescente, Aristogíton projecta um plano, juntamente com outros atenienses descontentes, para acabar com a vida dos dois tiranos por altura de umas festas que se realizavam na época.

Hiparco, alheio a todas estas conspirações, continuou a tentar seduzir Harmódio, mas este acabaria por lhe dar uma grande tampa. Ferido no seu orgulho por não ver o seu amor correspondido, o sensível tirano pensou numa forma de devolver a humilhação ao miúdo sem que o seu amante e protector percebesse a verdadeira razão. E se bem o pensou, melhor o fez. Hiparco convida então a irmã do puto a participar nas festas Pan-ateneias para depois lhe recusar a participação, sujeitando-a assim à humilhação pública.

Humilhados e ofendidos, Harmódio e Aristogíton decidem pôr em prática o plano para acabar com os dois tiranos. Porém, agem de forma precipitada e acabam apenas por matar Hiparco. No tumulto que se gerou, Harmódio acaba por ser morto pelos guardas. Aristogíton consegue fugir, mas mais tarde é feito prisioneiro e torturado até à morte.

Depois deste episódio, o braço pesado da tirania abate-se sobre os atenienses. Hípias persegue e manda matar os cúmplices da morte do seu irmão e todos aqueles que lhe pareciam suspeitos. Porém, a vontade dos dois amantes acabaria por vencer e Hípias acabou por ser deposto e obrigado a fugir para o exílio.

Harmódio e Aristogíton acabariam, assim, por ser consagrados para sempre símbolos da liberdade e da democracia. E o melhor é que as suas motivações não se prendiam com ideais ou grandes utopias, ou com aquilo que eles entendiam ser o melhor para a humanidade, mas com sentimentos bem mais humanos e mais próximos de todos nós: amor, desejo, ciúme e traição.

Para que a democracia tivesse nascido, bastou apenas a beleza e a juventude de um adolescente, da qual um tirano se enamorou, e os ciúmes do seu amante. Não foram necessários líderes iluminados ou outras espécies de libertadores do povo, nem qualquer tipo de revoluções ou sublevações, de cariz popular ou militar, ou valores como a paz, pão, habitação, saúde...

Para mim, que não acredito no sentido demiúrgico da História, do progresso e do desenvolvimento humano, que desdenho de fantasias idealistas e de motivações revolucionárias, este é o bom da História, literalmente o seu lado cor-de-rosa, e no qual eu prefiro acreditar: houve um momento no tempo, pelo menos um, em que o amor entre dois homens foi capaz de mudar o mundo. E mudou.

TROL2000 *Sexta 03*

TIAGO *Sexta 03*

GUY GERBER *Sexta 03*

O encanto assassino das *cockteasers*

São imbatíveis, fascinantes e úteis para o ecossistema dos humanos. Diante de uma cockteaser, e mesmo com as probabilidades em contra, quase sempre os homens vão a jogo.

Hugo Gonçalves

Há mulheres que se parecem com Fidel Castro: carismáticas e poderosas, mulheres que usam esse encanto para produzir ilusões. Mas o povo, apesar das consecutivas promessas, continua a passar fome. Para essas mulheres, tal como acontece em Cuba, a revolução está sempre em movimento mas não chega a lado algum. Ninguém as apanha, quase ninguém põe as mãos nessa delirante fronteira entre o limite da meia que aperta a coxa e o princípio da virilha. São as *cockteasers*.

Embora outras línguas disponham de palavras para designar esse tipo de mulheres (*calienta pollas* em espanhol, *rôtisseuses* em francês), em Portugal ainda nos falta uma designação eficaz que traduza a capacidade feminina para atrair e jamais cumprir. São mulheres que manipulam os pretendentes como se fossem campeãs de concursos de yo-yo: o homem pendurado de um fiozinho, em redor do dedo, movendo-se continuamente para cima e para baixo. São provocadoras de erecções que nunca saem das calças. Regem-se pelas regras dos museus: podem olhar mas não toquem. Mulheres microondas. Mulheres que nos fazem esperar na fila e, chegada a nossa vez, nos mandam regressar no dia seguinte.

Estas mulheres desempenham um papel fundamental na explicação da natureza masculina: os homens precisam de caçar, mesmo que a presa tenha a velocidade inalcançável de uma chita. Nas palavras do comediante Bill Maher: "Não se pode reformar a biologia (dos homens). E já agora: a pulsão masculina para espalhar a nossa semente é a razão pela qual somos uma espécie de sucesso."

Mas se, por um lado, estas mulheres confirmam a herança genética, ainda hoje em vigor, dos homens das cavernas (engravida quem puderes para que a espécie sobreviva), por outro lado desactivam o derradeiro objectivo da masculinidade do caçador – podes correr, rapaz, mas nunca me vais apanhar. O jogo é tão infantil e emocionante como os desenhos animados do Tom & Jerry. E os homens caem com frequência numa perseguição que dificilmente conseguem ganhar. Os homens são o gato Tom, rápidos mas inevitavelmente esborrachados contra uma das paredes da casa.

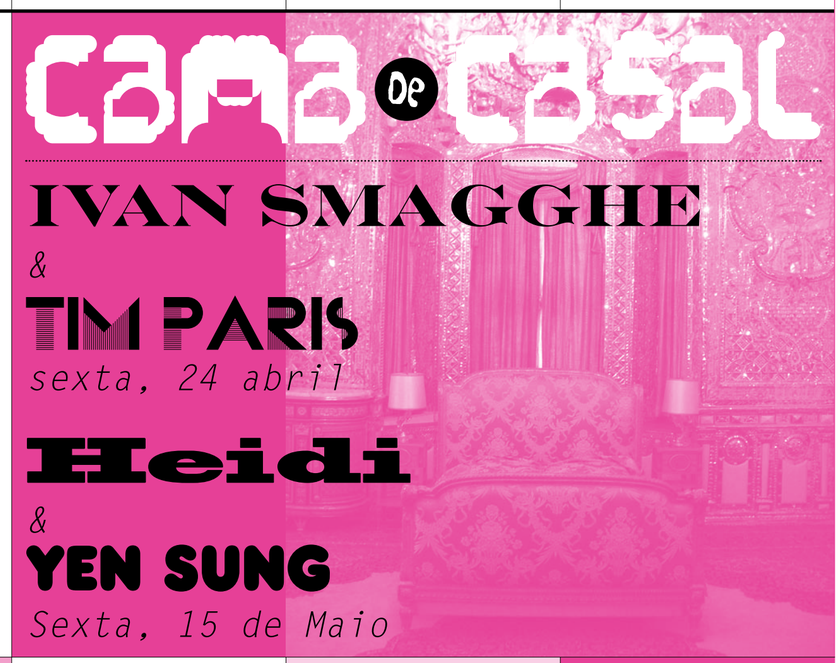
Já vi homens perdidos e deslumbrados com uma alça do sutiã a espreitar entre o ombro e o vestido. Já fui beato de movimentos de dança que, embora aprendidos em aulas privadas de varão, não passam de coreografias assexuadas. Quando estas mulheres prendem o cabelo, estão a dizer: "Sou gira, sou boa, tenho a capacidade de asfixiar-te com as minhas pernas e de oferecer-te lindos bebés." E mesmo os homens que se julgam conhecedores das regras de ataque e das artimanhas das *cockteasers*, transformam-se em carrinhos telecomandados que batem uma e outra vez contra a parede.

Conheço quem tenha ido a Paris, depois de uma promissora troca de mensagens escritas, para se encontrar com uma italiana que conhecera em Turim, e tenha acabado a dormir na mesma cama de hotel como se dormisse com a irmã. Ela disse-lhe, no primeiro dia: "Tenho namorado há uma semana." Numa só noite, partilhei sonhos de jogos de ténis e *brunchs* cinematográficos com uma loira internacional, cujos lábios pareciam prometer horas e horas de beijos na boca no sofá, para depois vê-la sair da festa de mão dada com o ex-namorado. O homem que diz que nunca foi apanhado nessa teia, em que a expectativa se transforma em burla, mente tanto como o homem que diz: "Isto nunca me aconteceu, é a primeira vez, devo ter bebido de mais."

Estas mulheres não potencializam apenas o rabo saliente pelo efeito dos saltos altos, a mamas que o Senhor (ou o senhor cirurgião) lhes deu, o cheiro tão promissor como uma sesta alcoolizada na sombra de um toldo de praia. São também experientes comunicadoras, inteligentes no uso da informação, assertivas nas insinuações e nas retiradas. Estudam as mensagens e os emails. Têm o talento de um escritor de romances policiais e a habilidade de mãos de um operador de fantoches. Se houver um sentido de justiça histórico talvez os homens mereçam chegar a casa com dores dentro dos boxers depois de uma noite de toureio. E embora não acredite que, se as mulheres mandassem, as guerras acabavam de vez, concedo-lhes sem resistência essa oportunidade para usarem os homens como anti-depressivos, ou súbditos do seu poder, ou acessórios de moda.

As *cockteasers* são descendentes das sereias tentadoras e assassinas que cantaram para Ulisses – fornecem drama, entretenimento e pequenas tragédias. Fazem parte das regras da atracção dos adultos. Contudo, os homens costumam pensar que uma *cockteaser* é tão desonesta como quem aponta uma arma quando não tem coragem de apertar o gatilho. Comportamo-nos como os utentes de um parque de diversões que correm para a montanha russa mas, a meio da subida, já estão a pedir para abortar a viagem. Todos sabemos, mesmo quando despejamos um saco de areia nos próprios olhos, que só vai a jogo quem quer. E mesmo que a casa ganhe sempre, os casinos continuam a estar cheios. É a implacável pulsão do jogo.

em Portugal ainda nos falta uma designação eficaz que traduza a capacidade feminina para atrair e jamais cumprir



dexter *Sexta 03*

LEONALDO DE ALMEIDA & ZE PEDRO MOURA *Sábado 04*

RUI VARGAS & ZÉ SALVADOR *Sábado 04*

A ARTE DA FUGA

O que andam os portugueses a fazer fora do país

PEDRO MOURA *e* **ANDRÉ LEMOS** *em Charlottesville*
O primeiro é um dos curadores, o outro um dos autores. "Impera et Divide" é um ideia original de Pedro Moura - a BD vista de um outro ponto de vista, como poemas gráficos e não como "graphic novels". A exposição inclui Lemos, Frédéric Coché, Ae-rim Lee, Ilan Manouach, Andrei Molotiu e Fabio Zimbres, e está na Second Street Gallery, em Charlottesville, no estado da Virgínia (EUA), até 25 de Abril.
imperaetdivide.blogspot.com

VERA MANTERO, MIGUEL PEREIRA *e* **RITA NATÁLIO** *em Angers*
Durante parte de Abril, os criadores estarão em residência no Centre National de Danse Contemporaine, em Angers (França), em preparação da nova criação de Mantero. A estreia está marcada para 19 e 20 de Junho no PACT Zollverein, em Essen (Alemanha).
orumodofumo.com

LÚCIA PRANCHA *em São Paulo*
Até Julho, a artista plástica estará no Brasil a frequentar a ECA (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo). Entretanto, divide o seu tempo em aulas, num estágio na Galeria Luísa Strina e numa pesquisa sobre festas e funk carioca.

PEDRO ALFACINHA *em Londres*
Estuda fotografia na University of the Arts London. Na capital inglesa trabalha também na Steidlville, um "showcase" dos livros da conceituada editora de George Steidl, e participa em exposições como a recente "Common Denominator of Conscious States", no espaço The Flea-Pit (com o colectivo Seven).
pedroalfacinha.com
collectiveseven.org

ISABEL CARLOS *na Bienal de Sharjah*
Até Maio, Ana Vidigal, Fernando José Pereira e Yonamine participam na exposição "Provisions for the Future", comissariada por Isabel Carlos para a Bienal de Sharjah, nos Emirados Árabes.
sharjahbiennial.org

JOÃO MARIA GUSMÃO *e* **PEDRO PAIVA**
Serão a Representação Portuguesa na Bienal de Veneza, em Junho. Até lá a dupla irá participar numa exposição na Front Gallery, em Toronto (Canadá) até 18 de Abril e em "About the Presence of Things", uma individual até 17 de Maio no Kunstverein, em Hannover (Alemanha).

SP

HISTÓRIA DAS PALAVRAS TROCADA POR MIÚDOS

Bacharel Paiva Boléu

Todas as conversas são boas conversas se pelo meio alguém disser psiché ou fetiche, palavras especialmente sensuais se proferidas a três milímetros do ouvido interno. Os psichés costumam ter espelho e uma inclinação regulável, informações que poderão revelar-se úteis no fim da noite. Mas deixemos os móveis da avó para outra história. **Palavra convidada – "Fetiche"** Este é um vocábulo esquizofrénico que nasce *factitius*, artificial em latim, vem viver para Portugal onde adopta o nome feitiço, emigra para França onde passa a responder por *fétiche* e entretanto regressa a terras lusas sem acento e encharcado em perfume. O termo é lusitano por todos os poros, até porque a sua genealogia remonta ao tempo em que os portugueses andaram por África e se depararam com o culto algo obsessivo que os locais dedicavam a certos objectos, menosprezando a profusão de seios nus e luzidios. Mas o fetiche que realmente interessa é universal e foi introduzido por Alfred Binet, um psicólogo auto-didacta, introvertido e com demasiado tempo nas mãos que o levou ainda a estudar o cérebro de jogadores de xadrez e a base do que viria a ser o teste de Q.I. Venha de lá então uma definição: fetichismo erótico consiste na excitação sexual direccionada para objectos ou partes do corpo que usualmente não são considerados sexuais. A parte, pelo todo, uma espécie de metonímia ao nível do desejo. Tão ridículo e engraçado como um cão que tenta cobrir a perna do seu dono. Dentro dos fetiches o *foot fetish* leva a palmatória de ouro. Chamam-lhe **podolatria**, um tipo de parcialismo, eu prefiro **pétiche.** Segundo os psiquiatras, os fetiches são parafilias (literalmente, para além do amor) e, ao contrário do que vários bispos de Braga e cardeais de Lisboa podem julgar, estes desvios são muitas vezes completamente saudáveis. Vejamos. O que seria da indústria dos tecidos sem a **alvenofilia** (sexo anal com chumaços de algodão ligados com silicone industrial)? E que futuro teria a regionalização sem a **agrofilia** (obsessão com o coito campal)? E quantos balões se venderiam se não existissem os **looners,** pessoas que se excitam com balões de látex? E o que seria do cristianismo sem a **partenofilia** (fixação sexual por virgens)? E imaginem como iriam piorar os problemas de Woody Allen com as mulheres se não existisse a **acuculofilia** (atracção por pénis circuncidados)? Os mais missionários podem julgar que certas bizarrias só acontecem em histórias como "Crash", onde os protagonistas vivem e morrem para explorar o seu fetichismo com acidentes de automóvel. Mas não. Ainda há pouco tempo ouvi uma vítima de amputação congratular-se com o facto de só ter vida sexual graças à existência de pessoas com **acrotomofilia** (a obsessão sexual com amputados). A ficção faz o seu papel: liberta a realidade. E vice-versa. Obrigado Ed Wood por tornares a fixação com camisolas de angorá menos estranha, obrigado Lolita de Nabokov por tornares quase corriqueira a fixação por baby-dolls. Obrigado japoneses por pegarem no mui português **frotteurismo** - "roçanço" genital no corpo de incautos passageiros de autocarros, comboios ou elevadores - e terem criado a secção de pornografia correspondente (letra C, Chikan). Seja qual for o fetiche, com partes ou com todos, com corpetes ou cinturas de vespa, com extremidades superiores ou inferiores, existe uma certeza tão bíblica como libertadora: os fetiches escrevem direito sobre ideias tortas.

RECEITA BÁSICA PARA PREPARAR *AZEITES* COM *ERVAS AROMÁTICAS*

Dá uma vida diferente aos teus cozinhados aromatizando os teus próprios azeites

É conveniente preparar estas receitas com azeite extra virgem para evitar o ranço e manter todas as suas propriedades biológicas.
Limpar as ervas aromáticas com papel de cozinha, mas SEM AS LAVAR.

Pisá-las ligeiramente num almofariz colocando-as num recipiente de boca larga, previamente lavado com água fervente e seco, polvilhando-as com sal grosso médio, à medida que se vai colocando.

Encher assim uns 3/4 do recipiente.
Se levar especiarias, juntá-las inteiras.
Convém utilizar azeite virgem até ao máximo de 1º de acidez.
Juntar o azeite, procurando cobrir as ervas 2-3 cm e tapar hermeticamente.
Colocar num lugar com luz indirecta, durante 20 dias.
Filtrar por um passador fino directamente para um frasco ou uma garrafa limpa, colocando alguma erva ou ramo inteiro dentro.
Etiquetar indicando o conteúdo, a utilização e a data.

SUGESTÃO:
AZEITE 5 AROMAS
Para saladas, preparação para 1 litro

3 Ramos de alecrim
3 Ramos de manjericão
3 Ramos de tomilho
1 Colher de sopa de sal
3 Orégãos·
1 L de azeite virgem
3 Raminhos de hortelã

Seguir as instruções acima referidas na receita básica, Brevemente darei outras sugestões sobre o tema.

RESIDENCIAL
Yen Sung

Cinco livros:

HANIF KUREISHI – "O Álbum Negro" é sobre o conflito de duas gerações de paquistaneses em Londres. A descoberta do ecstasy pelo filho mais novo da família, e o início das "rave parties".

PATRICK SUSKIND – "A História do Senhor Sommer" é no fundo uma história sobre a nossa infância.

MICHAEL CUNNINGHAM – "Dias Exemplares" é um livro de ficção que conta três histórias sobre nova Iorque, havendo sempre um elo entre as histórias.

TOM SHARPE – "A Grande Aventura" é sobre um jovem que pertence à melhor burguesia britânica e conhece, na escola privada, um excêntrico professor de literatura que o vai fazer partilhar o gosto doentio pela aventura.

CHRIS THOMAS – "The Universal Soul" o universo foi criado para explorar a liberdade de escolha.

RUI VARGAS
Quinta 09

CPT. LUVLACE
Sexta 10

PINKBOY & PANSORBE
Sexta 10

Tiga cut'n'paste

Zé Pedro Moura

2007 – Presente, "Ciao Means Forever"
Algures em 2007, Tiga alcançou uma Consciência Online Total que lhe permite falar directamente contigo através do computador. Um milagre que apenas agora começas a apreciar.

O Meu Nome É Tiga. Welcome to the Bio-Dome, mec!

2007 – Presente, "Ciao Means Forever"

Como sabem, o meu trabalho em remixes desacelerou consideravelmente nos últimos tempos. Assim como as minhas versões dos Alter-Ego, New Young Pony Club, The Gossip e Human League valorizaram a minha reputação como Sex Whizz of Sonic Parlour; eu senti que tinha de centralizar as minhas melhores ideias na minha própria música. A remix do "Gary" dos Alter Ego, por exemplo, obrigou-me a canibalizar grande parte do trabalho das agora lendárias sessões que fiz com o Bobby McFerrin. Foi nesse momento que percebi que tinha de marcar um limite.

As sementes da ZZT – a colaboração que mantenho actualmente com Zombie Nation – remontam às semi-bienais da Gigolo. Depois do meu afastamento da editora sob acusações de Cyber-piromania, sondei-o sobre a hipótese de trabalharmos juntos... possivelmente em música. Sem tardar, converti-me ao seu modo espalha-brasas, ao humor. Os nossos temas tendem a ser live por natureza, já que tentamos só usar as partes que requeiram quatro mãos a um tempo. Ou 19 dedos e três lábios. Depende.

Rainer Werner Bassfinder apanha o melhor do meu trabalho com o Jesper Dahlback e leva-o para um outro nível. Um que me força a usar um nome falso. Escolhi "The Dove" por razões de contrato e pudor. Provavelmente 70/30: contrato/pudor.

Nos últimos anos, continuei a dar extensas voltas ao globo. Comi club sandwiches em mais de 60 países e fiz a "Sandwich" em mais de 600 clubes. Também tive coragem suficiente para visitar o Médio Oriente com uma viagem arriscada ao Dubai dizimado pela Guerra. Fui lançar falcões (isto é 100% verdade!), o que já era estranho mesmo antes de ter sabido que as aves eram submetidas a cirurgia plástica para se parecerem mais com celebridades. O meu falcão, disseram-me, era suposto ser o Ethan Hawke.

A Turbo – a minha editora – também tem ressurgido nos últimos tempos.

O trabalho feito pelo Thomas Von Party (como A&R) e o Oliver Interactive (nos negócios internacionais) tem sido incalculável. Não consigo expressar o meu apreço pelos seus esforços em dar à Turbo a força que tem hoje. E seria imperdoável não mencionar a verdadeira estrela do espectáculo – o nosso consultor comercial, Brandon Branding.

Brandon descobriu meios de expandir a nossa marca em novas e excitantes direcções. Ele insistiu para que eu participasse em jogos de futebol comunitários para dar uma qualidade de "homem comum" ao meu "brilho desencorajador". Estava céptico no início, mas depressa valorizei a experiência ao ver homens de 50 anos aos risinhos cada vez que eu entrava em campo. Sou um meio-campo vagamente passivo-agressivo, com mentalidade de defesa; e tenho treinado online com o internacional do Ghana, Michael Essien.

O Sr. Branding também me encorajou a escrever para a editora, fazendo nascer uma tórrida corrente de textos de imprensa que despertaram em mim uma paixão por cartas sinceras e profundas. Agora escrevo o tempo todo. Até substitui o tablier do meu carro por uma tábua, para poder fazer rascunhos que voam pela janela do condutor.

Mais importante: 2009 será o ano de edição do meu novo álbum "Ciao". Este disco certamente solidificará o meu status de Storrytella e Funky Fella.

"Ciao" é o fruto de 15 meses de colaborações com os Soulwax, Jesper Dahlback, Gonzales, Jori Hulkonnen, Jake Shears e James Murphy. Um grupo de peso, para não dizer mais...

Tudo revisto, ao fim do dia, não consigo deixar de cismar no reflexo da piscina e pensar comigo: "Acho que dei mesmo a volta à noite..."

2003 – 2006, "Salta para Cima do Fogo"

Em 2003, Tiga levou o seu perfil de "conquistador" para as ruas com um mix CD para a série DJ Kicks da K7 e uma leitura etérea de "Hot In Herre" do Nelly, que acabou por atingir um sucesso de peso sendo subsequentemente licenciado para a Skint e Warner.

O esmagador "Pleasure From the Bass" – um chacal de dois punhos que desenhou uma linha na areia da pista de dança – foi editado em 2004 pela belga Play It Again Sam.

2005 assistiu a remixes para os Depeche Mode, Moby, LCD Soundsystem, Mylo, Tomas Anderson e inúmeros outros. Em Outubro, Tiga "womanizou" o mundo com "You Gonna Want Me", o duelo com a Sister Jake Shear's.

2006 começou com a edição de "Sexor", soando como um apelo de um Homem-Nação emergente. Tiga embarcou na "Sexor over Europe", "over Canada", "over USA", "over Japan".

No mesmo ano, filmou o vídeo para "(Far From) Home" em Tóquio. Ao leme estava Nagi Noda, realizadora de clips para Yuri e de uma curta onde figuram poodles em exercício.

1976 – 2003 "O Mito da Criação"

"O cidadão pode ficar com a noiva, mas o homem armado fica sempre com a amante. No final, todos temos que escolher entre o mito e a montanha."

Tiga passeou-se pelo errante e delicado Oriente, aprendendo novos sabores com a notável "club culture" indiana dos anos 80.

"Um mundo de libertinagem e decadência que se revelava. Eu sentia simultaneamente choque e deslumbre. Depois, rendição."

Por volta de 1990, Tiga tinha regressado a Montreal com um conhecimento noctívago que o deixava insatisfeito face aos clubes locais (chamava-lhes "a plumagem de um pássaro que não desejo"). Com a ajuda de um grupo de amigos, começou a lançar uma série de pequenas festas contaminadas por um passado cheio de prostitutas em ácido e jogadores indianos. As outras inovações incluíam promoções com gangs de acrobatas, multi-dj sets e liderar a multidão pelos corredores mais íntimos da alma.

Foi este tempo de torpor e ambição sexual predatória, que culminou no Solstício de 1993, geralmente considerado como a primeira rave genuína em Montreal. Um ano antes, Tiga tinha montado a "Eclectricity", a primeira rave online, um projecto cujo falhanço ainda o deixa perplexo.

Em 1994, Tiga comprou a DNA Records - uma pequena instalação médica – transformando-a numa boutique de música electrónica: "Nós sempre acreditamos no cliente em primeiro plano: desde ajudá-lo a encontrar aquele disco de house minimal que fará o orgulho lá de casa, a oferecer olhares de compreensão enquanto alguém procura os antigos registos para descobrir que está de facto com uma doença congénita."

Em 1996, Tiga cantou em privado sobre a morte do actor e poeta Tupac Shakur.

Nesse mesmo ano, a comunidade dançante de Montreal encontrou um paraíso "onde os tolos se apaixonam pelo mistério e o sexo se torna o valor mais estimado". Sona foi inicialmente concebido por Tiga e dois amigos como um monólito de gozação, porque já nada é sagrado. Em complemento ao panteão de grooves, durante o resto da semana o espaço era alugado a um programa de ensino da dança para homens sem-abrigo (na altura Tiga achou que era um projecto importante).

Em 1998, Tiga iniciou a Turbo Recordings como um veículo para os seus escapes de organista louco, mas rapidamente descobriu uma variedade de artistas que estavam desejosos de serem pagos para gravar para ele. Sucederam-se 20 álbuns, 2 samplers e 12''.

Por volta de 2001, a sobrecarga de trabalho e saturação mediática começaram a dar sinais de desgaste, evidentes no ataque de histeria que Tiga dirigiu a um fotógrafo de moda durante uma promoção: "Eu sento-me para as tuas fotos corruptas, mas não tolero esse jogo de 'Olhos! Mentira! Surpresa!' E desafio-te cobarde – chama os teus camareiros! Do que é estás à espera? Da Verdade?!"

Após um mês a montar a cavalo e a cuidar da sua voz, Tiga entrou em estúdio com o produtor Zyntherius 'Jori' Hulkkonen e uma visão singular: "electro, mas centrado nos meus olhos."

O resultado... uma rendição do solo esmagador de Corey Hart "Sunglasses at Night". Dançarinos desafiados e críticos seduzidos. Tiga comenta o seu impacto: "'Sunglasses' é uma criança sem pecado, um truque da memória. Com uma ideia fugaz, nós revelamos o fogo escondido da Europa."

Mas os fogos necessitam de cuidados e de combustão. E assim o assalto de edições estava destinado a continuar.

"Vivemos na Era da Crueldade e todos os dias eu luto para encontrar o meu lugar. Tudo o que sei poder oferecer ao mundo são mil aventuras mais, através da luz e da dança."

YEN SUNG CONVIDA DINIS
Sábado 11

ZÉ PEDRO MOURA & TIAGO
Sábado 11

MD5

Miss Dove dá-nos cinco daquelas para deixar o indicador dorido de tanto clicar, apontar ou passar páginas.

7 Days Project
São as portas 9F e 9G do Teatro da Trindade. A pequena sala faz a esquina do prédio, chama-se Espaço Round The Corner. Mas o importante é que mostra o trabalho de novíssimos criadores durante sete dias consecutivos. Já lá estiveram as obras de Mariana Dias da Cunha, Joana Escoval, entre outros. No mês de Abril apresenta as obras de Manuel Santos Maia, Mumtaz (Andrea Martha) e Chloe Brooks. A programação, divulgação e afins está a cargo de Margarida Mendes.
sevendaysproject.blogspot.com

Cartazes do Filho Único
Os Gomes já acumulam uma bela série de cartazes dos concertos promovidos pela sua associação cultural. Aqui não há fotografias de membros de bandas em filinha nem formatos de mupi. Cada "obra" é desenhada por um criador que algumas vezes até é também o músico em cartaz. Depois de servirem o seu propósito primordial, a divulgação, estes pedaços de papel são sérios candidatos a coleccionismo obsessivo.
filhounico.com/posters.html

Retro MacOS Theme
Quem tiver um blog no Wordpress pode escolher este "theme". É feito à semelhança do sistema 6 do Mac OS – a preto e branco, cheio de caixas toscas, com grandes setas e uma maçã que parece mais mordida que o normal. Quem se lembrar do que falo apenas com esta descrição que se acuse.
retromactheme.modernlifeisrubbish.co.uk
modernl.com

Swiss Miss
É um "blog/atelier de design". É assim que Tina Roth Eisenberg, uma designer suíça sedeada em Nova Iorque apresenta a sua página. Os posts são tudo o que informa e estimula a vida e a criação de quem o faz. As categorias são explicativas e ajudam: "Made me Think", "Made me Laugh", "Made me Smile".
swiss-miss.com

Redstone Press
Procurem, os livros desta editora encontram-se em Lisboa. Ou então encomendam-se, pois. A editora de Julian Rothenstein é muito conhecida pelas suas agendas, cada ano um tema preciso e imagens escolhidas a dedo. O de 2009 é "Black and White" e inclui imagens de Rodney Graham, Patrick Caulfield, entre muitos outros artistas. Mas para além disso publica muitos livros de David Shrigley e outras preciosidades que o escritor Will Self compra, guarda numa vitrine em casa, e declara que são "algo entre um artefacto e um livro".
redstonepress.co.uk

Quimpostor

Quim Albergaria

***Vou-vos dizer a verdade:* EU MINTO.**

Querer saber ajuda a saber querer.
E só de bem querer conseguimos, vão ver.

Mas é um esforço.

Esforço para continuar com o mesmo entusiasmo com que encontrava revistas pornográficas no lixo ou discos de vinil que se revelavam *frisbees* perigosíssimos ou as cassetes que esventrava para ver as fitas voar. Nunca tive interesse em arrancar asas a moscas ou incendiar formigueiros. O meu interesse era o bom do lixo, a apropriação, transformar a merda em ouro. É dessa alquimia que vem o meu nome e o vosso.

Mas quanto mais tempo vamos andar a remexer o lixo à procura do que não foi visto ainda? Quantas mais festas dos anos 80 vamos aguentar? Não estará a cultura do princípio do século XXI à beira de uma overdose de ironia? Já não chega de gozar com o facto de não fazermos ideia para onde isto vai? Quem vai ser o primeiro a dizer com as letras todas que há pelo menos 10 anos não aparece uma boa ideia para nos salvar? Onde está a canção que define a nossa geração?

Sabem que sou preguiçoso e não tenho método. Arrisco-me quase sempre com generalizações e afirmações universais, quase todas infundamentadas. Não me chamam Quimpostor à toa. Na verdade fui eu que me permiti essa libertinagem (já para não falar que ainda ninguém me pôs em causa, o que também diz muita coisa). E na boa tradição quimpostoriana vou lançar mais alguns atrevimentos para a mesa porque, acima de tudo, me diverte e entretém.

Ninguém está a tentar fazer uma afirmação que uma geração inteira possa usar. Ninguém está interessado em realmente perceber que tempos são estes. E porquê? Porque pelos vistos não há uma afirmação que valha a pena fazer. Não há uma conclusão colectiva à espera de ser verbalizada. Será? Talvez. O que eu vou percebendo é que a nossa geração são muitas gerações, o que torna muito mais difícil uni-las sobre uma única canção. Só assim se explica esta fuga para um novo psicadelismo *chic*, onde é fixe ser fora e estranho e não daqui. Ou o revivalismo em *loop* do que começou por ser um exercício de *kitsch* e nos foi transformando cada vez mais naquilo com o que gozamos. Estou a cuspir para o ar, contra o vento e para o prato onde como, porque me irrita profundamente perceber que a cultura que quisemos herdar na primeira década deste século é uma pastilha elástica já mastigada.

O que pelos vistos todos nós partilhamos é um medo de falhar, uma falta geral e genérica de atrevimento. Como dizia uma pequena amiga há uns dias a olhar para a taça da salada: "Onde estão os tomates?". É assustador como isto define o momento em que vivemos.

Nunca se fizeram tantos remakes na história do fazer. A não ser que estejamos num outro Renascimento onde imitamos os clássicos até à exaustão para supostamente aprendermos com os grandes. A única coisa realmente positiva que sai de tanta paráfrase são as reacções a tanto papagueio. O bom do Renascimento foi a explosão de escolas que gerou por simples oposição. Estou à espera.

É como o Amor. Ninguém é viciado em Amor. É-se viciado em romance, na possibilidade, eminência e efervescência do Amor. Gostamos do Amor Novo e do Amor Possível. Coisas sabidas perdem o sabor.

O pior cego é aquele que nem quer ouvir. Sim, a tua expressão é uma prova de vida, mas era bom que fosse o mais possível uma prova da tua vida. Não aborreças quem te quer ouvir. Estou a ser cabrão, eu sei. Já foi feito mas não foi feito por ti, eu sei. Desculpem, estou a ser estúpido. Estou só farto de não ter ideias novas e de que ninguém me rache a cabeça com um novo paradigma. Não quero olhar, quero ver. Estou aborrecido, pronto.

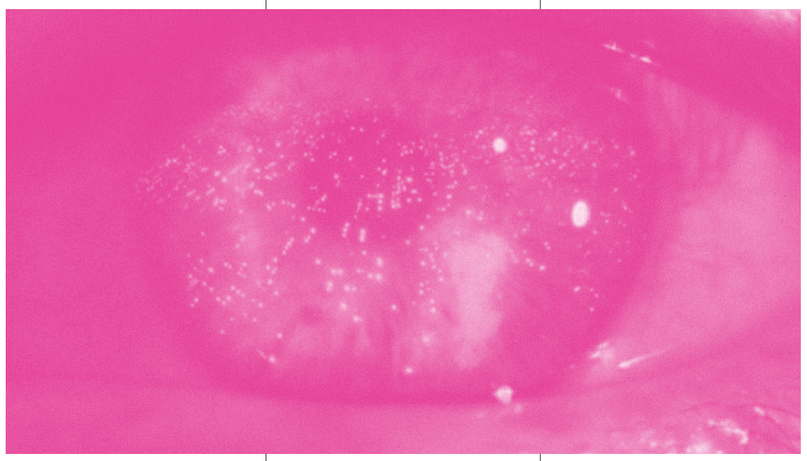
Porque andamos aos desencontrões estamos insatisfeitos ao bife.

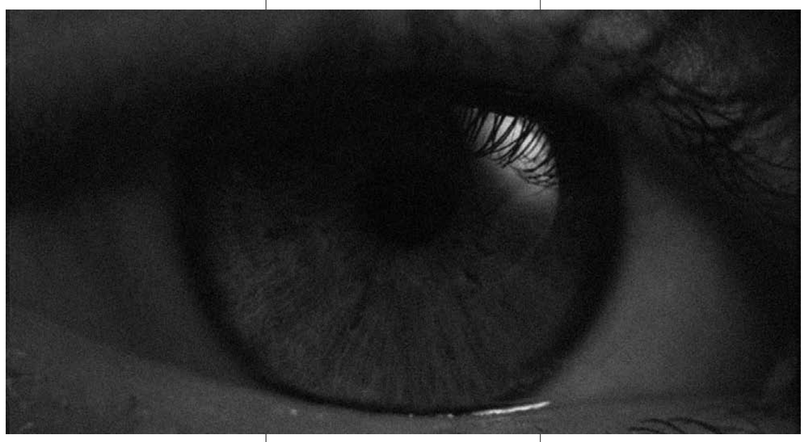
A insatisfação é uma canseira mas o contentamento constantemente aborrece. A esperança cria ansiedade mas o desespero pode ser tão sexy. Era mesmo bom se nunca deixássemos de acreditar, mas isto de não conseguir calcifica uma pessoa. Nunca mais inventam o Calgon dos corações e das ideias, assim, sem mas nem meios mas.

Não temos um inimigo comum contra o qual todos concordamos. Era mais fácil, mas não é a época em que vivemos. Temos o tédio de sabermos demais e uma suposta crise à porta, dois inimigos que costumam, como conta a história, provocar belas erupções criativas. A sério, quem me explica que o melhor e continuamente perturbador graffiti em Lisboa ainda seja aquele ali ao pé da Praça do Comércio, em frente ao princípio da Rua Madalena, aquela maravilha do *mindfuck* - " ESPÍRITOS MATAM +/- 200 PESSOAS POR NOITE"?

Estou muito a projectar, admito-o. Mas não me apetecia nada que fossemos uma geração de passagem, carne para canhão do *mal du siècle* ou só os putos que viram as torres e os Estados Unidos a cair. É do que temos para dizer e que mais ninguém disse até agora que estou à espera. É o que nós queremos que fique e não o que queremos que volte que quero que me mostrem. A ter saudades que seja do futuro. Somos demasiado bons para ficar à espera. Vamos embora.

A década não acabou, não temos uma geração no sentido canónico da coisa e pelos vistos sou um fedelho impaciente. A sério, todo este aparato que vos montei aqui vem da urgência e alguma ansiedade para ver acontecer algo que sei que é, que está eminente – um puto (no sentido verdadeiro da palavra, onde a idade não tem nada a ver nem a haver) vai ter uma ideia para mudar a maneira como olhamos para as coisas e para nos fazer sentir menos sozinhos. Dava-nos tanto jeito essa ideia.





TIGA
Quinta 16

ZÉ PEDRO MOURA
Quinta 16

PINKBOY
Sexta 17

O pior cego é aquele que nem quer ouvir. Sim, a tua expressão é uma prova de vida, mas era bom que fosse o mais possível uma prova da tua vida.

1000 Caracteres

– por p.p. –

Isto acontece enquanto olho para o rio de vinho que languidamente descobre o seu caminho por entre os lençóis de seda do meu pai. Parece entoar surdamente uma canção de cor vermelha, uma espécie de marcha drogada que acompanho com os olhos, dançando, animado pelas luzes do strob e pela cor púrpura do céu que entra pela larga janela atrás de mim. Estou sentado no sítio exacto para observar a multidão a que aceno. O centenário banco de pau-brasil, onde me encosto sem me atrever a sentar-me, serve ainda para me proporcionar uma última visão triunfante do fim do passado. As paredes curvam-se perante o meu poder e consigo ver a sua satisfação na forma como a tinta estala numa reacção em cadeia, deixando ver o cinzento da pedra granítica. O lustre vibra, cospe no ar faíscas de tinta. O sorriso petrificado nos meus lábios faz-me doer o maxilar, mas agradeço-lhes abrindo os braços de par em par. Deixo cair o roupão do anacronismo nos pedaços de vinil que prolongam a minha utopia do superlativo. Vejo a banheira a encher-se de gente. Vou à cozinha dar dois cheiros na asa de mosca que me restou. Nem a sinto enquanto ascende como um foguete até estalar como pipocas no meu hipotálamo. Estou vazio de toda a ambição.

Direito de Resposta

Susana Pomba

Com o título "Quimpostor" é publicada, neste jornal Lux Frágil de Abril de 2009, uma crónica que mostra um desalento clinicamente grave que é urgente curar e não propagar. Tão urgente que achei necessário pedir ao autor a leitura antecipada do seu texto para que pudesse exercer o meu direito de resposta na mesma edição. Para que fosse possível estar lado a lado, muito perto, partilhar as mesmas páginas. Tal era a urgência.

Há textos que lemos e que nos enervam. Fazem-nos retorquir coisas em voz alta para uma superfície plana colocada em frente, ou ligeiramente abaixo da nossa cara. Esta acção é genericamente descrita desta maneira - "falar sozinho". Toda a espécie de frases e interjeições podem ecoar pelas paredes até nos apercebermos. Mas apenas por breves segundos. Porque é o tempo que perdemos a falar sozinhos que define o nosso grau de loucura. Aparentemente. O autor do texto em questão, um amigo, Joaquim, deve falar muito sozinho.

É jovem, tem um novo olhar sobre o mundo mas ainda assim deambula por perguntas velhas e desânimos dominadores. Tão dominadores que o levaram a sentar-se, a concentrar-se e a escrever um texto que pergunta, páginas tantas, "Onde está a canção que define a nossa geração?". Amigo Quim, permita-me que o trate assim, de onde vem esse desgosto que lhe corta a visão e a capacidade de se aperceber que mesmo sendo muita (e muita de gosto duvidoso, eu sei), a produção de canções dos nossos dias vai, com certeza, dar um valente molho de "temas" que irão marcar a época em que vivemos? E, se não estou muito enganada, o próprio amigo Quim contribui, escrevendo, tocando, gesticulando, dando saltinhos, berrando para um microfone, e fazendo do mesmo ventoinha mecânica em repetidos movimentos dinâmicos, para a produção dessa mesma massa global de criação musical.

Amigo Quim, por favor não fique velho antes do tempo. É que é assim que se começa. A praguejar que não há nada de "novo", que andamos todos a pegar no já mastigado, que ninguém pensa no que vai definir esta década, que nada nos une, nenhuma causa comum, não lutamos por nada, não queimamos soutiens, nem pomos flores no cabelo, nem andamos com coletes castanhos às farripas, nem nada. Porque isso é que era, agora (!). Esse sentimento de união. Essa ideia fabricada do que achamos terem sido décadas passadas, e que é repetida incessantemente sempre que alguém quer vincar a falta de envolvimento (não só político ou social) de gerações recentes. Essa "visão" deveria ser emoldurada e na parede pendurada. Tem tanto pó e que ninguém o limpe, por favor.

Rapaz Quim, arranje uns olhos novos. Ninguém se livra da pastilha mastigada. Há quem consiga voltar, milagrosamente, a dar-lhe sabor, alguns até a fazer grandes balões que rebentam na nossa cara e se colam à pele e aos cabelos. Coisa boa. É preciso é estar sempre a tentar fazer balões dessa pastilha. Olhe que há quem consiga. Olhe à sua volta. Outra vez. Mais uma.

Amigo Quim, estou preocupada consigo. Quero "abrir-lhe os olhos", mostrar-lhe as maravilhosas obras dos nossos tempos. Quero mostrar-lhe a geração em que participa activamente. Quero que volte a meter na boca as pastilhas mastigadas que parece esquecer que macerou com a sua própria saliva e o suor do seu rosto.

Quero dar-lhe tarefas precisas que o levem a ver melhor, com outros olhos, a criatividade que nos envolve. Quero dar-lhe as ferramentas para que consiga ver que toda essa produção é passível de ser pensada e considerada, em diferentes contextos. E é mesmo. Mesmo a muito má. Porque o que calcifica o coração e as ideias é a prática da preguiça e a rendição.

Há textos que lemos e que nos enervam. Fazem-nos retorquir coisas em voz alta para uma superfície plana colocada em frente, ou ligeiramente abaixo da nossa cara. Fazem-nos fazer coisas que nunca fizemos, como exercer um direito de resposta e citar coisas que não lemos no original mas sim noutros livros que já continham essa mesma citação, aplicada a outro contexto completamente diferente. Que vergonha. "Se não esperas o inesperado não o encontrarás" (Heraclito).

Quinta 23
DJ KOZE

Dj Koze
O público do Lux tem fama de ser exigente com os DJs. Não surpreende, exactamente porque é um público que já não se surpreende com muita facilidade. Habituado a ver – e ouvir, naturalmente – coisas novas, variadas, diferentes. Às vezes isso pode ser duro para o artista. É bom ter um público conhecedor, mas... Bem, neste caso é capaz de ser um bocadinho ao contrário. O DJ vai ser, certamente, exigente com o público. DJ Koze é conhecido e aclamado, talvez até consensual se tivermos em conta que está muitas vezes nas listas dos preferidos de quem sabe destas coisas. Mas está longe de ser óbvio ou fácil. Assume com toda a naturalidade que o beat é importante mas não é tudo. Não cede ao apelo de tocar mais rápido e mais alto. Um set dele caminhará sub-repticiamente entre o house e o disco, entre beats simples e sons estranhos, até que, sem que se dê por isso, este alemão que se iniciou no hip hop e tem diversos alter egos que denunciam o seu sentido da ironia, terá muito provavelmente feito toda a pista perder a noção do tempo. E isso só acontece quando nos esquecemos do que está à volta, de que a rua está lá fora e que o dia, se calhar, está a nascer. E isso, às vezes, é bom.

DIXON
Sexta 17

DJ KOZE
Quinta 23

***Capítulo anterior:** A mãe, em Viseu, escreve uma carta a Zé Miguel anunciando uma possível visita da família a Lisboa. / Suely, sentada no cabeleireiro, fala sobre a noite no Finalmente em que arrastou Zé Miguel para a casa de banho. / Tânia, em Goa, troca mails com a amiga Susana, inquieta com a relação de Zé Miguel com Carina. / Carina Gomes, a "Jennifer Lopez", conta no seu diário o começo da relação com Zé Miguel.*
(o capítulo anterior pode ser lido em blog.luxfragil.com)

O Outro

Folhetim de Maria Antónia Oliveira & António Néu

Capítulo VII

"Só quero entrar na tua cabeça"

Cervejas, iogurtes, leite, manteiga, tomates, ovos... Hmmm... Este parafuso está mesmo a cair. Falta cá a Taniazinha para dar conta destas merdas. Bolachas, massa, atum. Prontos já está. Um cigarrinho no sofá, que bem mereço. Pufff, finalmente, que sossego! Essa é que deve estar bem, sem se ralar com nada. Também nunca se rala... Mensagem? Outra vez? olá fofinho querido o que fazes logo? Foda-se, lá vem ela com as fofices. Isto já está a complicar-se. Agora é todos os dias? Tenho de ter uma conversa com ela. E é hoje mesmo. Não posso estar sempre a adiar estas merdas. Ainda por cima a Tânia deve estar aí a voltar e não vai gostar nada de a ter cá por casa... Estou mesmo a vê-las a tomar o pequeno-almoço juntas. Livra. O que é que eu lhe respondo? Merda, este isqueiro já não funciona. Foi aquele cabrão que o gastou a fazer charros. Ainda por cima chaimite. Bem, logo respondo. Também ela não ajudou nada quando os pais estiveram cá. Sempre a querer aparecer... e então aquela cena de aparecer no restaurante com a amiguinha! Eu é que fui parvo, não tinha nada que lhe dizer onde íamos ou deixávamos de ir... A amiga não é má... A mãe percebeu tudo, de certeza. E com as bocas da Belinha... Até o autista do pai deve ter percebido. Que se lixe. Com isso posso eu bem. O pior foi ter de fingir que continuo a ir às aulas. Fico bué enrascado de mentir. Principalmente à mãe, coitada. E quando ela se cruzou na escada com o travesti cá de cima? A cara dela! Mal ela sabe por onde eu andei no outro dia... Hmmm... A cerveja ainda não deve estar fresca. Aquelas, se me apanham, estou fodido. Não posso voltar ao Finalmente. Também não sei o que me passou pela cabeça, meter-me assim na casa de banho com dois travestis assanhados. Estava marado, é o que é. E o cabrão do Nuno que não se cala com esta merda... O que me vale é ter aparecido a Jennifer, senão andavam todos aí a chamar-me paneleiro. Foda-se. Já bastou aquela cena em Coimbra! Que cena marada! E ainda tive de levar com a outra armada em psicóloga das minorias a querer-me fazer uma terapia! Bem, o melhor é telefonar à Jennifer.
— Olá Carina. Podes falar?
— Oi fofinho!!! Que estás a fazer? Estava mesmo a pensar em ti. A noite de ontem foi maravilhosa, não foi?
— Hum hum.
— Olha, já arranjaste os convites para a Moda Lisboa?
— Ah, pois. Ainda não. Vou tratar disso logo à noite.
— Ó querido, era tão bom irmos os dois!... Eu adorava ir. E tu conheces tanta gente... Se arranjares a mais, era bom para aquela minha amiga, sabes, que eu te apresentei no restaurante?
— Pois, bem me lembro, sim, quando me fizeste aquela cena.
— Ó fofo, não te zangues. O problema foi só na tua cabeça. Os teus pais adoraram-me! Vou lá ter contigo logo à noite, está bem? Prontos já está. Mas agora onde é que eu agora vou arranjar convites para a Moda Lisboa? Que seca! Não vou andar outra vez a meter a mão na caixa do correio do vizinho e a fazer figuras tristes... Que chata, mais a maquilhagem Dior, e a lingerie da Tezenis, e os peluches! Enche-me a casa de peluches, olha para isto! Que piroseira! Mas tem um belo rabinho, lá isso tem. A amiga também não é má... As duas juntas devia ser um espectáculo... Hum... Hum... mmmmmm... Ah... Uma de cada lado... e eu de cabedal... eheheh. Bem, a cervejinha já deve estar fresca. Que horas são? Não tarda tenho que ir trabalhar, que isto com os novos horários... Com esta merda, nem tenho tempo para pensar no meu set! E *isso* é o que importa! Se quero vencer, tenho que me aplicar. Mas onde é que eu arranjo tempo? Ai caralho, ainda não fui às finanças!! Onde é que eu meti os papéis?... Xi, este quarto está um caos! Olha, mais uma cueca roxa... e suja! Mmmm... Aquela amiga é mesmo boa... Olha o carregador do iPod! O que eu procurei esta merda! Bem, agora já não dá tempo para carregar... Telemóvel, carteira, blusão... as chaves, as chaves...
O cabrão do senhorio nunca mais arranja a puta da luz! Falta a Taniazinha para apertar com ele... Aquele Bernardo é um betaço! Era lindo era que o travesti do terceiro fosse amiguinho dos outros... ui. Isto com um arame curvado era capaz de dar melhor do que a meter a mão. Isto é gajo para receber convites para a Moda Lisboa... Ainda vou preso por violação de correspondência... Ai a minha mãe... tararararará tararararará tararararará tararararará Dar a mão à palmatória Segui lesto a oratória tzzzzk tzzzzk Aaaa-amanhã tzzzzk tzzzzk Porquê só amanhã buop buop tzzzzk tzzzzk Porquê só amanhã tzzzzk tzzzzk buop buop Bem bom tararararará tararararará tararararará
— Zé Migueeel!
— Olá Pedro! Já saíste? Tão cedo?
— Ya man. Estão lá os gajos da desratização e então saímos todos mais cedo. Nem sei como. Distribuíam umas máscaras e ainda fazíamos mais uns logótipos... Eheh... Dizem que os ratos são os últimos a abandonar o navio mas estes são teimosos. Eheh... Bora aí beber uma cervejinha.
— Eh pá, vou trabalhar. Vem aí, bebes lá, eu ofereço-te uma cerveja e pomos a escrita em dia.
— Boa. Quem é que está a tocar?
— É o Muppi. Anda, que é animado. tararararará tararararará tararararará tararararará tararararará Bem bom perceber hoje Porque não tenho nada para dizer Pensar em sair de cena tzzzzk tzzzzk buop buop Balançar a cabeça para a cama tzzzzk tzzzzk buop buop tararararará tararararará tararararará tararararará
— Curtes Aquaparque?
— Eia man! Curto bué! Viste os gajos no Museu do Chiado?
— Não, estava a trabalhar!... Não tenho tempo para nada. Foi fixe?
— Foi cool. Estava lá a malta toda! Já os conhecia, mas agora têm estes cânticos... Eles eram muito mais experimentais e abstractos dantes, agora os temas são mais estruturados, aproximaram-se mais do formato canção.
— A número dois não me sai da cabeça. Bem, cá estamos, entra. Olá Manel. Tudo calmo? Pedro, queres cerveja ou imperial?
— Imperial, thanks. Então e os teus projectos de seres DJ?
— Eh pá, vou ter a minha estreia para a semana! O Nuno Paz convidou-me para tocar com ele!
— Ai é? Fixe. Quero ir ver! Onde é?
— No Lounge. Na quinta-feira. Vamos fazer um pingue-pongue. Ando a treinar o set.
— No Lounge? Ena! Qualquer dia estás no Lux!
— Eh pá, pois é! Mas não brinques, isso ainda há-de ser! Estou bué da nervoso! Tem de correr bem!
— Vai correr. Dá aí lume.
Este gajo é que se calhar me desenrasca uns convites para a Moda Lisboa. Anda sempre todo estiloso... Gelo, gin, água tónica...
— Ó Pedro, vais à Moda Lisboa? Não arranjas uns convites?
— Eh pá, eu conheço um gajo que trabalha para a moda e até é meu amigo no facebook, mas depois cá fora é o que se sabe.
— Ah... tenho uma amiga que queria tanto ir...
— Quem? Aquela hippie que vive em tua casa? Essa não está em Goa?
— Está, está. Ainda está muito frio para ela voltar. Não, é outra, a Carina. Acho que não conheces...
— Ai agora já é outra? Dá-me aí outra imperial. Tens mortalhas?
— Não.
— Então dá aí um cigarro.
— Eh pá, ó Pedro, como é que se faz para que uma relação não fique muito séria?
— Ai tu queres que ela te desampare a loja? Não me digas que a outra está para chegar.
— Eh pá, não é nada disso. A Tânia é só amiga, aquilo foi uma vez sem exemplo. Ó Muppi, tens os Aquaparque?
— Tu, com esse ar de sonso, comes as gajas todas! Eheheh... Olha, não sei... já lhe deste a chave? Muda a fechadura!
— Olha que isto é sério, não gozes. tararararará tararararará tararararará tararararará Comparar arcaboiço tzzzzk tzzzzk buop buop Unhas para guitarra da tua sorte tzzzzk tzzzzk buop buop tararararará tararararará tararararará tararararará tararararará
— Olá, Adriana! Por aqui a estas horas tão diurnas?
— Oi Pedro! Como estás? Sim, estava em casa a escrever uma crónica para o Lux e estava sem ideias para acabar. Vim à procura de inspiração. Ó Zé Miguel, um copinho de vinho branco, para atiçar. Então Pedro? Vamos ao Sónar outra vez este ano?
— Isso já está combinado desde o ano passado! Fico em casa da Luísa, ela já sabe, está reservado.
— Ó Zé Miguel, aquilo é que era sítio para ti. Não sei quantas salas com live acts e DJs a acontecer ao mesmo tempo. E tudo super-estimulante, coisas de que nem ouviste falar! E as pessoas são óptimas, todas com muita onda. De dia, então, é fantástico! E Barcelona é...
— Sim, sim, já me falaram imenso no Sónar. Adorava ir. Mas onde é que eu hei-de ficar? Ó Pedro, a Luísa tem uma casa grande?
— Não é muito grande, mas há a casa da irmã... Isso desenrasca-se, vai sempre imensa malta. Começa é a poupar umas coins.
Poupar, poupar... Era mesmo fixe ir com estes dois... E para a minha carreira de DJ é fundamental! Vou oferecer o copo de vinho à Adriana. Agora, agora, que o Manel não está a olhar... Que fixes que eles são, convidarem um chavalo de 26 anos como eu! tararararará tararararará tararararará tararararará tararararará Só quero memorizar cada inflexão da tua cara tzzzzk tzzzzk Nunca escolher porque me escolheste em mil tararararará tararararará tararararará tararararará tzzzzk tzzzzk No fundo, até tenho sorte! Poupar, poupar... Posso sempre dizer à mãe que tenho uma viagem de estudo... É que há muito bom design em Barcelona, toda a gente sabe. Pois, mas a mãe sabe lá disso... Duas imperiais três euros obrigado Esta Adriana tem um ar mesmo interessante... É escritora... Se calhar conhece o poeta... Sónar, Sónar... o Muppi também já foi. Já foram todos menos eu... Dinheiro, dinheiro... Quanto será preciso? 500 euros? Poupar, poupar... Se eu começar a pôr música mais vezes... Tenho de preparar o set, caralho... Mais um copinho para ela e uma jola para ele... Foda-se, ela está-se a rir para mim... Será que tem namorado? Que idade terá? Estão a falar de mim. tararararará tararararará tararararará buop buop Só quero entrar na tua cabeça tzzzzk tzzzzk buop buop Só quero andar onde tu sentes tzzzzk tzzzzk buop buop Só quero entrar na tua cabeça tzzzzk tzzzzk

(Continua)
sindicato.biz

tzzzzk tzzzzk buop buop Balançar a cabeça para a cama tzzzzk tzzzzk buop buop tararararará tararararará tararararará tararararará tararararará — Curtes Aquaparque?

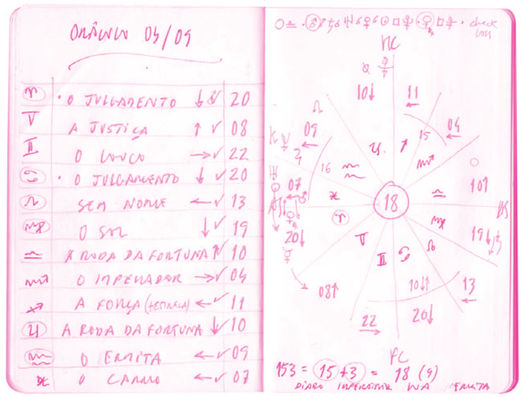
ZÉ PEDRO MOURA & JOAO PESTE
Sexta 24

IVAN SMAGGHE & TIM PARIS
Sexta 24

RUI VARGAS & RUI MURKA
Sábado 25

ORÁCULO *04/09*

Não percebo nada de jardinagem e pouco de lida da casa, mas consta que é por esta altura do ano que se podam as árvores, se muda a terra às plantas, se sacodem os tapetes, se limpam os armários, se dá tudo aquilo que não faz falta ou já não nos diz nada, e se deita fora o que está estragado, podre, partido? Parece que este mês é assim para muita gente... Em sentido figurado, ou não. Pois só assim nasce a Primavera. E depois tudo brota além das expectativas, tudo brilha com um novo sopro.



20 – CARNEIRO
21 Março a 20 Abril

Eia meu, que agitação! Parece que andas a viver contrastes, tipo duche-de-água-quente-e-fria... Nada que não traga uma certa adrenalina, n'est ce pas? Pois lê de novo o parágrafo acima. E aplica-o às tuas ideias, conceitos, percepções, enfim, à tua mente. Faz um balanço dos teus pensamentos e crenças. Vai para casa cedinho, passa pelas brasas, e consulta o ancião que há em ti, aquele velhinho que é a própria sabedoria do teu ser interior, como dizia o Jung. Segue os seus conselhos. Porque se queres novos resultados há que assumir novas atitudes, certo? This is it.

08 – TOURO
21 Abril a 20 Maio

Ok, tens trabalhado mesmo bem, e estás a entrar num novo equilíbrio. O feliz momento pede que sejas lúcido, frontal, estruturado, enfim, tudo aquilo que já és (quando queres), não é verdade? Quer dizer, também pede que ponhas um bocadinho o hedonismo de lado, de modo a teres a cabeça fresca... Mas o que te quero mesmo dizer é: Agarra a oportunidade de viver um novo equilíbrio entre o céu e a terra, e acredita que, estando tu no teu melhor, tudo baterá certo. E só desejo que tenhas visão, tomates e paz de espírito para receberes e valorizares uma bênção como esta.

22 – GÉMEOS
21 Maio a 20 Junho

Free Spirits & City Lights, oh yeah! E pronto, não tenho muito mais a dizer... Voa, voa, voa! Vai, vai, vai! Aquilo em que acreditas faz sentido para ti? É uma intuição poderosa? Segue-a então. Há uns tantos que a acham doida? Problema deles. Go, go, go! A esperança estala, é tudo muito rápido, a Graça acontece! Seja por algo de novo ou por um simples reinício, parte confiante, o mundo é vasto, descondiciona-te, ama as pedras e os homens, vive intensamente, livre, livre, livre!

20 – CARANGUEJO
21 Junho a 21 Julho

Estás a ver aquela coisa da ansiedade, da preocupação, do medo do desconhecido, da sensação de abafanço, enfim, aquelas coisas que ninguém quer? Pois. Há um truque que ajuda a lidar com isso, e no teu caso acho que é mesmo oportuno: Now. Live the Now. O teu passado, e o teu futuro, são e serão fruto da tua visão. E o futuro, principalmente, é feito do que sentes, pensas, e fazes, Agora. E não existe mais nada, acredita. Faz um pequeno exame de consciência, e vive o Agora. Venha o que vier, tu podes sempre decidir como reages à vida, bolas! A tua experiência pessoal será sempre filtrada pela tua atitude. E respira fundo que não te cairá o céu em cima da cabeça. Juro.

13 – LEÃO
22 Julho a 22 Agosto

Ups, é melhor por um post-it na porta: "Estou no início de um novo ciclo. Lembrar de limpar o que resta do anterior". É que, tal como te disse em Março, estás a entrar numa nova fase da tua vida que será ainda mais interessante do que todo o teu passado... Mas se trazes contigo pesos inúteis fica tudo mais difícil... Até parece cruel chamar "pesos inúteis" a ideias, compromissos, coisas, ou pessoas... Mas do ponto de vista da tua evolução, da tua vida de facto, tudo o que não te acompanha, que não te vivifica, é peso morto... E agora é fundamental limpar e ir resolvendo tudo o que esteja pendente ou não te corresponda... Portanto, olha a direito, faz o ponto da situação, e com toda a paciência que não tens, mas com toda a determinação que te assiste, cut the losses and feed the goods.

19 – VIRGEM
23 Agosto a 22 Setembro

Às vezes és mesmo tramado... Quer dizer, quando está tudo bem não dás lá muito por isso, mas quando te cheira a esturro é logo uma paranóia... Caraças! Desculpa lá se é injusto, mas às vezes até parece! Sugiro que faças um statement: "Eu não sou hipercrítico, céptico, melancólico, pedante, mesquinho, hipocondríaco, manipulativo, nervoso e secretivo. O que eu sou mesmo é rigoroso, preciso, claro, confiante, prático, metódico, altruísta, diligente, seguro, calmo, tolerante, e de grande valor para todos, a começar por mim".

10 – BALANÇA
23 Setembro a 22 Outubro

"Here we go again, we're out on the streets again, trá lá lá lá..."* ;) Nice, é a hora! Isto é mesmo interessante... Talvez tenhas ficado um mesito a patinar, mas era só um teste à tua consistência ;) E agora chegou o momento de avançares à força toda com o que tens em mente. E agir nesse sentido é bem, força aí. "Ch-ch-ch-changes, lá lá lá lá..."* ;) Já deves ter percebido que não tenho mais nada a dizer... Só mesmo voltar a piscar-te o olho e cantar mais uma: "It's now or never, trá lá lá lá ..."* ;)

04 – ESCORPIÃO
23 Outubro a 21 Novembro

Mister Big, lot's of work, good! Pronto, está na altura de dares sério protagonismo aos teus projectos, aos teus objectivos, e de trabalhares empenhadamente para os concretizares. Também poderás contar com mais estabilidade interior. Assume o teu espaço. Faz uso do teu valor, com firmeza. Protege e inspira a tua equipa, a tua família, a tua tribo. É o momento de seres o Imperador, if you know what I meen. Usa essa autoridade para reinares sobre ti mesmo, nada de tentações ditatoriais :) Sê o teu próprio mestre e uma fonte de generosidade para os outros. Ah, e arruma a caixa das tempestades, they're out of business.

11 – SAGITÁRIO
22 Novembro a 21 Dezembro

Sugiro que faças uma visita ao teu depósito de energia... e pasmes, com o seu potencial! Que definas, por agora, de um a três focos na tua vida. Não mais do que isso, para já, não te desperdices à esquerda e à direita. E se te apetecer, olha para aquilo a que chamas os teus defeitos e vê como podes muito bem transformá-los em qualidades. Um defeito é só uma qualidade desequilibrada, seja por excesso... ou por defeito, lá está :) Por baixo da pedra rude descobre o diamante. Tudo isto corresponde à mensagem deste mês, e mais: Domina os teus instintos. Canaliza as tuas pulsões de uma forma positiva. Controla, com nobreza, palavras e atitudes. Admite o potencial que tens. Aqui te armo cavaleiro. Salve!

10 – CAPRICÓRNIO
22 Dezembro a 20 Janeiro

Ui, eu sei que não é bem o teu género mas, please (!), nada de precipitações negativas. Está muito atento a como te sentes numa dada circunstância... Se não te sentires em paz, confiante, seguro, pára. Neste mês, o fugir para a frente ou o mero entusiasmo fogoso, não chega. Sê consistente, como tanto gostas. É melhor voltar atrás, preparar bem o terreno, rever opções, e recomeçar mais tarde, do que espetar a cara na próxima esquina e depois não haver muito a fazer... a não ser voltar atrás :) Desculpa lá a directa, mas é mesmo assim.

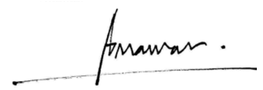
09 – AQUÁRIO
21 Janeiro a 19 Fevereiro

Como é que se diz isto a um "brotherhood man" como tu?... Bom, há que limpar a casa, e só tu o podes fazer. Talvez pensasses que poderia ser um trabalho solidário, cúmplice, com os teus próximos, tipo sócios, colegas, empregados, familiares... pois... Não. Falo da necessidade de limpares ou reestruturares coisas que vêm de trás e pelas quais serás, pelo menos, co-responsável, como uma empresa, uma instituição, uma família, algo que dure há anos, e que precisa mesmo de um volte face. Estando tu à beira de um novo ciclo, há que ter a paciência, coragem, e determinação de fazer isto. Só. Tu só. Depois os outros virão ter contigo. Leadership is a lonely place... But all is well, when you are well.

07 – PEIXES
20 Fevereiro a 20 Março

Não penses que escolho azucrinar-te a cabeça todos os meses com a mesma mensagem dita de formas diferentes. São mesmo as cartas que te saem, podes crer! Então, cá vai: Tens um Ferrari na garagem, um Wally na marina. Tu És um Ferrari ou um Wally ou os dois. E eu posso não atinar com a jardinagem ou a lida da casa, mas entendo os carros e os barcos. E sei que se não se usam, estragam-se, se não se puxa por eles, enfraquecem, se não se estimam, desfeiam. Ok, assusta um bocadinho ao início, porque a primeira do Ferrari encosta o estômago às costas, e tirar um Wally da marina traz o coração à boca... Mas é só uma questão de treino e tu até te adaptas facilmente... Portanto, 'bora lá dar uma volta, uma graaaaaande volta! É que os Ferraris e os Wallys da vida... se ficam por aí, arrumados... morrem... e isso seria um desperdício, uma estupidez, algo que tu nem admites na tua vida :)

Anamar



**Citações de letras de canções, por ordem de entrada: Lou Reed, David Bowie, Elvis Presley... calhou assim, mas... que trio...*

DEZPERADOS
Sábado 25

DEXTER & HENRIQ
Quinta 30

TIAGO & ALCIDES
Sexta 01 (Maio)

Filologia Livre da Pop do meu poluído imaginário

sr. peppas (arquivista de generalidades)

PIL

This Is Not a Love Song
Jonh Lydon PIL, 1983

Aviso
Esta coluna dedica-se à análise de grandes letras da história da pop, desrespeitando deliberadamente quaisquer direitos (ou intenções) do autor.

Nasci num santuário na Extremadura espanhola depois de os meus pais terem clandestinamente dado o salto, de forma a retirarem-se discretamente do país, por motivos que ainda hoje não posso revelar.

Vem daí a minha íntima relação com a igreja, pois abro os olhos e dou de caras com um altar de talha dourada e um padre amordaçado para reeducação. Foi a única vez que os meus pais me levaram a uma igreja.

Mas ao longo da vida tive outros episódios fugazes de relação com a fé católica.

Ainda no início da minha carreira como desencriptador, fui aos EUA, a pedido de um primo meu radicado em Newark, de forma a ajudá-lo a decifrar o significado de umas cartas escritas num código estranho que ele tinha apanhado dentro da mochila do filho, num dos fins-de-semana que veio do semi-internato do colégio católico em Boston.

Foi o meu primeiro falhanço profissional. Embora fosse um código primário, com base na antiga escola da Santa Aliança, a rede de espiões criada por Pio IV, em 1566, disse ao meu primo que não era capaz, que era uma língua arcaica e que nesse semestre eu não tinha frequentado o curso por estar acamado.

Chegado a Portugal enviei uma carta anónima ao FBI e a alguns dos maiores jornais americanos. O meu primo veio a saber de tudo uns anos mais tarde.

Já John Lydon sempre soube o que quis, embora na maior parte das vezes isso acontecesse muito próximo do momento em que as coisas iam acontecer.

O que foi definitivamente o caso da descoberta da música que transformou os PIL numas das bandas mais importantes dos anos 80, e do pós-punk em geral.

E o que é que John Lydon tem a ver com a Igreja Católica?

A resposta é simples: "This Is Not a Love Song". Não, a música não é uma declaração afectiva de Lydon à Igreja Católica. Mas surge de um encontro imediato que Lydon teve com a instituição, em pleno Vaticano no início dos anos 80, mais precisamente em 1981, ano em que o cardeal Ratzinger foi nomeado perfeito da Congregação para a Doutrina da Fé (só para nos situarmos – o novo baptismo da Inquisição).

Chegado à bela cidade do Vaticano, vindo do coração da Alemanha, foi-lhe atribuído um belo escritório, numa rua com esquina com a Praça de S. Pedro. Junto com o escritório, foi-lhe atribuída também uma ajudante domiciliária, Francesca de seu nome, única mulher entre os vários secretários e administrativos da instituição a que agora o cardeal presidia.

Em 1981, andava Lydon a promover o álbum "Flowers of Romance", e quis o destino, que nestas coisas da fé é quem manda, que fosse parar a Roma. Concerto, bastidores, vamos sair, não vamos sair e eis que aparece no camarim uma bela italiana, morena voluptuosa com ar de quem nunca tinha entrado sequer na cidade do Vaticano.

Lydon, que já não tinha dentes para passar à frente de oportunidades destas, deixou-se ficar nos bastidores enquanto que os colegas iam andar de vespa para a Piazza Navona.

Bom, o que de íntimo se passou não interessa para a nossa história. Mas é relevante sabermos que no dia seguinte, Lydon está no edifício da Congregação para a Doutrina da Fé, e enquanto se debruça sobre a secretária para melhor subir para cima de Francesca, com um olho espreita a praça e com o outro a gaveta do cardeal, da qual saca atabalhoadamente uns papéis, no seu jeito cleptomaníaco herdado das *tours* dos Sex Pistols, quando tinham de roubar para comer e comprar droga porque o McLaren não aparecia e a Vivienne estava demasiado ocupada com a loja.

Lydon era um artista pop e aquilo que saiu na letra é, segundo o que sei, o texto original escrito pelo punho de Ratzinger para resumir conceptualmente a extensa lista de artigos ecuménicos sobre a posição oficial da igreja sobre uma epidemia que começava a alastrar em África mas que na Europa não se tinha ainda ouvido falar.

Era uma espécie de um mantra religioso, numa cadência repetitiva e hipnótica capaz de inebriar até os espíritos menos crentes.

Mal põe os olhos no texto, Lydon salta da secretária com a desculpa de ter contraído uma lombalgia, deixa Francesca a orar sozinha, salta para a vespa e só pára em Londres, no seu estúdio.

Em 1983, surgia o hit "This Is Not a Love Song", que Lydon direccionou para o alvo preferido da pop que protesta – os defeitos do capitalismo e a alienação da sociedade de consumo.

Mas a verdade é bem outra. Este era um texto sobre a SIDA e o cardeal não queria deixar os seus créditos por mãos alheias. Era preciso um manifesto de força que atestasse toda a discordância da igreja face a uma doença daquelas, que afectava os pobres, os homossexuais, as prostitutas e na altura milhares de africanos que não se enquadravam em nenhuma destas categorias (agora são mais 22 milhões só na África subsariana). Sendo um homem de visão, o cardeal achou que mais valia prevenir do que remediar e deixar logo bem clara a posição da igreja. Uma visão que mantém, a avaliar pelas entusiásticas palmas da mulher do presidente dos Camarões, a queridíssima Chantal ("a saint of style", nas palavras do Boston Globe) que envergava um belo conjunto rosa a fugir para o choque composto por um chapéu à bispo com tendências étnicas, cheio de cruzinhas de Cristo, que contextualizaram as sábias palavras do Santo Padre, que resumido dizem que o preservativo não só é pecado como aumenta o risco de contrair a SIDA. A mesma visão que o levou a classificar os índios do Brasil como "arrogantes e desrespeitosos", purificados apenas pela religião católica, ou que o fez participar activamente na excomunhão dos médicos que realizaram um aborto numa rapariga brasileira de nove anos que tinha sido violada. Ah, a mãe também foi excomungada. Ah, o violador não.

Mas pronto deixo-vos com a análise de um exemplo prático e vivo dessa eloquência:

This is not a love song
This is not a love song
This is not a love song
This is not a love song
This is not a love song
I'm crossing over
This is not a love song (repeat 6)

O texto começa pela parte repetitiva da reza, de forma a que o povo, ignorante, perceba de que é que se está a falar. Isto não tem a ver com amor cristão mas sim com a moral católica, que é muito mais importante. O "I'm crossing over" está lá para tornar isso claro.

This is not a love song
Happy to have
Not to have not
Big business is very wise
I'm crossing over into enterprise

Depois, a exemplo das antigas óperas, a evocação aos deuses que desde sempre protegeram a instituição católica, os poderosos, os ricos, os escolhidos.

This is not a love song (repeat 4)
Oh no

Volta a parte repetitiva da reza, para aqueles que estão nas filas de trás e tendem a adormecer.

I'm adaptable
Now I like my new role
I'm getting better and better
I have a new goal
I'm changing my ways
Where money applies
This is not a love song

Aqui determina-se qual a conduta moral que os governos e as grandes companhias farmacêuticas devem ter face ao alastrar da epidemia. A esta distância pode-se dizer que tem sido cumprida à regra.

This is not a love song (repeat 4)

De novo o mantra. Por esta altura há já gritos de convulsões na plateia e o crescendo emocional atinge o seu pico.

I'm going over to the other side
I'm happy to have
Not to have not
Big business is very wise
I'm inside free enterprise

De novo a evocação aos deuses, de forma ainda mais abertamente dedicada.

This is not a love song (repeat 4)
Not television
Behind the curtain
Out of the cupboard
You take the first train
Into the big world
Are you ready
To grab the candle
That tunnel vision
Not television
Behind the curtain
Out of the cupboard

A última estrofe é uma espécie de profecia e de desafio a África: "Are you ready to grab the candle" – ireis viver sempre na pobreza; "You take the first train into the big world" – OK, vocês até podem vir à Europa mas atrás da cortina, e cada qual no seu sítio, porque essa cena da SIDA dá mau aspecto.

Happiness and sunshine
This is not a love song (repeat 6)
No no
No no
No no

O fim é apoteótico, marcado pela interrupção do mantra pelas palavras que caracterizam o povo africano numa espécie de Adeus Pré-Papal levando a audiência a espumar-se de tamanha elevação.

Lux Frágil
Nº 07 / Abril 2009

Direcção: Manuel Reis

Sede: Av. Infante D. Henrique, Armazém A, Cais da Pedra a Sta. Apolónia, 1950 – 376 Lisboa
T. 218820890 / F. 218820899
blog.luxfragil.com
luxfragil.com / lux@luxfragil.com

Textos de: **Ana Garcia Martins, Anamar, Fernando Fernandes, Hugo Gonçalves, Isilda Sanches, Joaquim António Rocha, Maria Antónia Oliveira e António Néu, Pedro Pires, Pedro Rodrigues, Quim Albergaria, Ricardo Henriques, Susana Pomba, Tiago Manaia e Zé Pedro Moura.**

Editados por: **Pedro Fradique** e **Fernando Nunes.**
Design gráfico: **Diogo Potes – Alva Design Studio**
Capa: **Pedro Barateiro**
Revisão: **Marta Martins**
Impressão: **M2**
Tiragem média: 7 000 ex.

BILLY DALLESSANDRO LIVE
Sexta 01 (Maio)

EXPANDER
Sexta 01 (Maio)

RUI VARGAS & ZÉ PEDRO MOURA
Sábado 2 (Maio)